

## Colunismo Negro: o protagonismo da mulher negra no Correio Braziliense.<sup>1</sup>

Luciene de Oliveira DIAS<sup>2</sup>  
Wéber Félix de OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### Resumo

Entendemos que o Jornalismo opera como um instrumento importante para a formação do conhecimento e influência na forma como as pessoas devem pensar sobre o vivido. Além de estimular a discussão sobre determinados assuntos, o Jornalismo tem a capacidade de organizar a sociedade. Não tão distante, o colunismo desempenha um papel significativo para instaurar discussões e gerar debates, não apenas nas linhas jornalísticas, mas também em sociedade. Tendo como referência essa teoria, decidimos neste trabalho realizar uma reflexão sobre a construção de legitimidade do Jornalismo e o papel desempenhado pelo Colunismo para a formação e reflexão sobre a representação da Mulher Negra e os mecanismos de racismo e sexismo. Objetivamos entender de que forma esse espaço pode garantir a sobrevivência do campo de discussões.

**Palavras-chave:** Jornalismo impresso; colunismo negro; emancipação.

### Introdução

A produção jornalística, da sua origem, concebe espaço para que sejam dispostas formas discursivas que operam em três níveis: informativo, formativo e reflexivo. Para Genro Filho (1987), o Jornalismo deveria ser elemento, fundamentalmente, construtor de uma consciência individual e, ainda, orientar o público criticamente. As narrativas expostas deveriam ser tomadas como instrumento de visualização do leitor naquilo que está descrito, fazendo com que o Jornalismo se tornasse um espaço humanizado(r) e reflexivo das multiplicidades que existem no mundo real e no cotidiano de cada um.

Acreditamos na concepção de Jornalismo para além da utilização de técnicas de um campo de trabalho. Entendemos o Jornalismo como espaço de produção e circulação de sentidos em que se envolvem mais do que apenas os jornalistas, ou seja, percebemos que esse espaço é resultado do processo de uma relação dinâmica entre jornalistas, produtores de conteúdo, articulistas, a empresa, os veículos e os leitores. Os produtos jornalísticos e o próprio veículo possuem importante papel na mediação de significados, símbolos e na construção de representações.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 05 a 09 de setembro de 2016.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, e-mail: [lucienediasj@gmail.com](mailto:lucienediasj@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestrando do Curso de Comunicação, cultura e cidadania da Universidade Federal de Goiás, e-mail: [weber.imprensa@gmail.com](mailto:weber.imprensa@gmail.com)

Tendo em vista as questões levantadas anteriormente, decidimos, neste trabalho, fazer uma reflexão sobre a importância e o papel desempenhado pelo Jornalismo na mediação e produção de sentidos a partir de uma análise sobre o espaço construído pelo colonismo negro. Nossa análise coloca no centro da discussão os sentidos elaborados e compartilhados sobre a mulher negra, levando-se em consideração, os mecanismos de racismo e sexismo e os processos de ressignificação. Ademais, objetivamos compreender se o processo jornalístico, dado como o encontramos hoje, ainda permite a emancipação dos sujeitos que o produzem e que também são apresentados à sociedade. Para tanto, nossa pesquisa se concentrou na análise de uma Coluna escrita por uma mulher negra para o Caderno de Opinião do *Correio Braziliense*. A partir do nosso objeto de estudo verificamos quais as posições de sujeito assumidas pela autora e qual a representação que ela faz sobre a mulher negra em seus textos.

Observamos ainda os caminhos discursivos adotados por Sueli Carneiro<sup>4</sup> para romper com as fronteiras e amarras de uma escrita jornalística que desumaniza a mulher. Discutimos ao longo do texto a adoção de estratégias produtivas que fortalecem a multiplicidade e a polifonia de vozes que outrora eram acomodadas em determinados espaços discursivos. Acreditamos que os sentidos apresentados na Coluna podem influenciar na formação de um conhecimento sobre essa identidade e também fortalecer um espaço ocupado por uma mulher negra. O trabalho lança a discussão sobre os sentidos apresentados e o *modus* de uma escrita que traz à tona a complexidade e os entrelaçados de significados que envolvem a identidade negra e feminina.

Concentramos-nos na reflexão sobre o Jornalismo e o campo de produção em que se sustenta a prática jornalística. Dentro dessa dinâmica fazemos alguns apontamentos sobre a construção do produto jornalístico e a defesa do gênero opinativo como um dos espaços significativos que refletem os parâmetros da atividade jornalística. O nosso trabalho, fundamentalmente, foi construído a partir de um levantamento bibliográfico dos principais estudos sobre Jornalismo, formatos e gêneros jornalísticos.

---

<sup>4</sup> Filósofa, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo; coordenadora executiva do Geledés Instituto da mulher Negra; vice-presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos; membro do Conselho Consultivo do projeto Saúde das Mulheres Negras do Conectas em parceria com o Geledés, do Conselho Consultivo da Ouvidoria da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, do Conselho Consultivo do Projeto Mil Mulheres, e membro da Articulação Nacional de Ongs de Mulheres Negras Brasileiras; Fellow da Ashoka Empreendedores Sociais (GELEDÉS, 2014).

### **Jornalismo: construção de um campo legitimado**

O Jornalismo, como campo dos discursos legitimados e legitimadores, apresenta-se como ferramenta importante para o estabelecimento de conceitos e imaginários. Só que se deve observar que esse mecanismo obedece a certos critérios do próprio campo: não é um espelho fidedigno da realidade, e sim um recorte escolhido a partir de uma prática profissional subordinada a rotinas<sup>5</sup> produtivas e constrangimentos organizacionais que tornam difícil a possibilidade de autonomia profissional, conforme nos ensina Traquina (2012).

Muito embora seja difícil atribuir ao profissional do Jornalismo a responsabilidade pelo processo que resulta no produto, podemos inferir que as notícias recebem contornos diferentes de acordo com a elaboração e tratamento dispensado pelos jornalistas, o que nos possibilita afirmar que são apresentados ao público sentidos afetados. O trabalho de um jornalista pode ser comparado ao trabalho de um antropólogo que faz um estudo de um caso. Para a Antropologia, a observação poderia oferecer mecanismos de entendimento de uma determinada realidade, como assim o fazem os jornalistas quando vão a campo para observar e colher dados. Favret-Saada explica que este instrumento utilizado pelos antropólogos “equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível” (2005, p. 2).

Como na Antropologia, no Jornalismo a isonomia é um dos mais altos tabus e regras para a realização do trabalho, no qual o profissional (estudioso de um caso) deveria manter-se totalmente distante do objeto que está sendo observado e analisado. No entanto, com a experiência do campo (ida, estadia e o retorno), tanto o antropólogo quanto o jornalista passam por esse contato direto com a realidade e dificilmente a observação não pode ser de forma participante e afetada. Neste sentido, a afetação é um dos elementos que permite que se compreenda ou ao menos facilite o entendimento sobre a realidade.

A *experienciação* dos fatos condiciona o modo de relato e os instrumentos narrativos utilizados pelo jornalista. O olhar sobre o acontecimento e a subjetividade estão presentes, de forma indissociável dos produtos construídos. O produtor jornalístico, ao se permitir flexível a esse processo, “faz justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo, ou então àquilo que nele quer registrar essa

---

<sup>5</sup> As rotinas de produção pressupõe a adesão a procedimentos padrões na cobertura jornalística e na produção de produtos noticiosos com o objetivo de unificar os procedimentos e uniformizar as linhas narrativas da notícia. Há para tanto, a existência de convenções estabelecidas e a “instituição de uma rotina fortemente organizada” (TRAQUINA, 2012). Ainda de acordo com Traquina, a *rotinização* garante a eficácia, estabilidade no trabalho, validade da notícia e atesta a legitimidade do Jornalismo.

experiência, quer compreendê-la e fazer dela um objeto de ciência” FAVRET-SAADA, 2005, p. 6).

As notícias e o próprio veículo jornalístico, assim, atuam na mediação desses significados, símbolos, sentidos afetados e na construção de representações dessas experiências vividas em campo. O Jornalismo “é uma trama desencadeadora de processos de significações que afeta o modo como a realidade é percebida, interpretada, dada a ler” (BORGES, 2013, p. 33).

Devido às características desse campo – credibilidade e legitimidade – certos discursos se propagam na sociedade e ganham aspectos legítimos de sua existência e são apropriados pelo público. O comunicador é munido de poder não apenas para colocar em evidência um assunto, mas também, é agente principal para disseminar como esse assunto deve ser entendido. A esse profissional é entregue o poder de interferir na produção de símbolos, conceitos e também na arquitetura de discursos e sentidos que são re-apropriados pelo público. Os produtos jornalísticos são socialmente construídos e ganham poderes determinantes sobre as experiências e o cotidiano das pessoas. Chamamos atenção para outro fator que implica o Jornalismo em todas essas instâncias, a ideia de campo legitimado e aferidor de Verdade(s).

Para Sousa (2014, p. 97), “a imprensa tornou-se, assim, a primeira grande instância mediadora na configuração do espaço público moderno, um espaço público mais imaterial e simbólico”. Desde então, o Jornalismo, em diversas plataformas, tem sido utilizado como elemento essencial para o acesso à informação e para o debate público. O Jornalismo passou a ser concebido como espaço representativo da esfera pública no qual se convergem os poderes de fala e discussão social como importante instrumento formador de opinião da sociedade ocidental.

Com o estabelecimento de uma cultura profissional dessa área, valores foram sendo escritos e indexados à prática jornalística, tanto quanto a construção da crença do Jornalismo como o “olho do cidadão” ou o “vigilante dos poderes” do Estado e dos políticos. A prática jornalística também foi ganhando credibilidade e se tornou instrumento legítimo de representação dos anseios populares. A busca pela “Verdade” e o desnudamento dos atos fizeram do Jornalismo, para a sociedade, o “verdadeiro guardião” dela. Os jornais passaram a ser vistos pelos leitores como “representantes dos cidadãos mais desfavorecidos e das classes médias, arvorando-se em perfeitos conhecedores das suas preocupações,

dificuldades e aspirações e exigindo dos poderes políticos medidas” (SOUSA, 2014, p. 148).

A legitimação do Jornalismo se construiu a partir de acordos entre os profissionais desse campo e os leitores que imprimiram e imprimem a ele credibilidade. Nessa lógica, a credibilidade sustenta o discurso legítimo dos jornais de poderem ser propagadores de sentidos e exercendo forte influência no modo como a realidade é percebida, muitas vezes com o poder de modificá-la. Os jornais adquiriram uma “autoridade incontestável” sobre os fatos e imagens que eram e são apresentados pela imprensa. O profissional foi sendo encarado como detentor autorizado para exercer a fala da opinião pública. De acordo com o autor, os jornalistas “encontram uma legitimidade social” para a elaboração de sentidos.

Os dois valores – credibilidade e legitimidade – são sustentados por uma das funções que pautam o exercício diário dos jornalistas: *a verdade*. Para Kovach e Rosenstiel (2004), a “verdade” cria uma sensação de segurança para os leitores naquilo que está sendo narrado. A busca por essa exatidão dos fatos tornou-se padrão norteador para a construção dos noticiários. A “verdade” adquiriu aspecto inato ao Jornalismo, tanto na atuação dos profissionais, quanto na crença do público que acessa as notícias. Entendemos que a verdade absoluta dos fatos é uma utopia, uma vez que a subjetividade está presente todas as vezes que o profissional constrói a informação, como expusemos anteriormente. No entanto, como citado acima, apesar da Verdade ser um valor inalcançável, a prática funcional da verdade possibilita ao Jornalismo que se faça diariamente o cumprimento da atividade com coerência e sem perdas para o campo e para a profissão.

Como dissemos ao longo da nossa exposição, o Jornalismo alcançou o papel social legítimo para atuar na disseminação de sentidos, imagens e discursos. A partir dessa estratégia comunicacional, reiteramos a discussão de que a imprensa se utiliza desse artifício, de que ela é necessária à cidadania. Não apenas para disponibilizar informações e dados sobre os acontecimentos. Mas também que os veículos de Jornalismo oferecem aos leitores, numa gama de acontecimentos, alguns determinados assuntos e os condicionam a pensar e refletir sobre eles a partir de uma abordagem discursiva e interpretativa dada por eles. Em outras palavras, o Jornalismo além de evidenciar certos temas, mostra os caminhos de interpretação e sentidos. No entanto, a legitimidade do Jornalismo não é estável. Entendemos a legitimação do Jornalismo como um processo dinâmico, ou seja, um processo que passa por etapas cíclicas de credibilidade e não-credibilidade. Moraes (2013) comenta que o enfraquecimento do campo se deve, por vezes, pela perda “do papel de

coesão social do Jornalismo e o seu distanciamento de algumas formas de cultura” (p. 07). Contudo, compreendemos que o próprio campo e os veículos de Jornalismo buscam formas para reconquistar sua legitimidade. Nesse sentido, compreendemos que a entrada de Sueli Carneiro para o *Correio Braziliense* seja uma dessas ações, que por ora, permitiu a aproximação do veículo com seus leitores a partir da presença dessa autora que emprestou ao jornal a sua credibilidade.

### **Segmentação jornalística e o colunismo**

A consolidação do novo Jornalismo, no século XIX, sustentando no modelo comercial da informação, fez com que os jornais assumissem uma estrutura diferente do que era praticado anteriormente<sup>6</sup>. Como exemplo, nos EUA, a imprensa popular já no final do século XIX, em resposta ao mercado da informação daquele país, passou a se concentrar nas produções noticiosas, deixando de lado o Jornalismo opinativo partidário. Para Traquina, o modelo de Jornalismo comercial lançou uma nova forma de se pensar a imprensa e como construir as notícias. O autor ressalta que a partir do estabelecimento desse modelo de Jornalismo, com características populares, os jornais com o intuito de servir os leitores com informação útil e interessante adotaram a distinção entre a informação e a opinião. O processo era visto “como pressupondo um novo conceito de notícia onde existiria a separação entre fatos e opiniões. [...] Efetuando assim a mudança de um Jornalismo de opinião para um Jornalismo de informação” (TRAQUINA, 2012, p. 51).

A necessidade de se separar objetividade da subjetividade e, assim, garantir a cientificidade do trabalho principal dos jornalistas. Isso gera uma imagem de credibilidade e independência que sustenta seu discurso (MORAES, 2013, p. 28).

A distinção entre conteúdo noticioso e opinativo fez com que categorias comunicacionais fossem elaboradas. A partir delas desenvolveu-se não apenas um estudo crítico sobre a comunicação e suas estratégias, mas também possibilitou que os jornais fortalecessem uma estrutura segmentada de produção dentro das redações. Há o espaço para a produção de conteúdo factual, mas também há a produção de conteúdo analítico-opinativo.

---

<sup>6</sup> As cartas volantes, majoritariamente, eram compostas por conteúdos opinativo-persuasivos de cunho partidário-político. Posteriormente, os primeiros jornais ingleses traziam textos factuais, análises, artigos de opinião e textos com conteúdos filosóficos e até literários. Nos Estados Unidos, as edições dos jornais tematizavam marcadamente assuntos políticos e econômicos e também variavam entre os dois estilos de escrita: opinativo e o noticioso. Com o tempo isso foi se modificando e os Jornais (Segunda geração da penny press.) passaram a se dedicar a conteúdos já em sua maioria factuais e puramente informativos.

A utilização de classificação de gêneros na comunicação permitiu tanto aos leitores quanto aos profissionais envolvidos nessa atividade, uma organização estratégica sobre a disposição de conteúdo e o modo como ele é operado dentro de uma unidade enunciativa. Essa categorização estabelece expectativas do que vai ser encontrado em cada sessão. Para Temer (2011, p. 15) o “gênero é uma promessa de conteúdo, ou de uma possibilidade de conteúdo, uma espécie de contrato previamente acordado entre emissor e receptor”, no qual os gêneros funcionam como “sistemas de orientação ou de referência” para o público.

Desta forma, os gêneros fornecem expectativas e convenções que possibilitam ao receptor antecipadamente um contexto interpretativo, controlando ideologicamente as reações da audiência. [...] Os gêneros possibilitam a elaboração de modos de produção dos conteúdos, ao mesmo tempo em que permitem aos receptores uma leitura condicionada das informações oferecidas, respeitando conceituações subjetivamente consolidadas no imaginário social (TEMER, 2011, p. 15).

As unidades enunciativas foram então agrupadas de acordo com algumas características semelhantes e as intencionalidades de cada produto jornalístico. De acordo com Temer, a partir da elaboração dos gêneros jornalísticos foi possível modular a produção de notícias e condicionar a relação de troca de conteúdos entre os jornalistas e o público. Os gêneros reforçam ainda uma identidade midiática aos produtos elaborados por esses profissionais, ao serem reconhecidos como “um conjunto de formatos e regras de construção, produção e recepção” (2011, p. 17).

A classificação dos gêneros brasileiros foi proposta inicialmente pelo professor e pesquisador Luiz Beltrão e reformulada pelo pesquisador José Marques de Melo. Segundo esses autores, a categorização dos produtos jornalísticos seguiu as formas estruturais dos textos, o estilo da linguagem e a intencionalidade. Entendemos que essa classificação sistematiza um ordenamento quanto a produção jornalística e evidencia os processos discursivos que estão imbuídos em cada formato praticado no Jornalismo. A categorização, segundo esses autores, respeita a diferenciação entre o que é conteúdo informativo e o que é conteúdo opinativo, impondo uma divisão entre a objetividade e a subjetividade. Para Marques de Melo a natureza de cada produto se identifica a partir da estrutura narrativa utilizada na construção dos textos jornalísticos.

O autor explica que os formatos que estão debaixo do guarda-chuva do gênero informativo se estruturam “a partir de um referencial exterior à instituição jornalística, sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução de acontecimentos”. Já os textos que constituem o gênero opinativo se organizam a partir de “variáveis controladas pela

instituição jornalística e que assumem duas feições: a autoria e a angulação” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 65). Em outras palavras, haveria dessa forma, a dualidade entre o que é reprodução da realidade e o que é leitura da realidade. Mais uma vez, o autor trabalha com a observação da objetividade (no relato descritivo dos fatos) e da subjetividade (versão e interpretação dos fatos realizada por um indivíduo).

No entanto, compreendemos que no Jornalismo, a classificação entre gêneros e formatos, como descrito no quadro 1, é puramente conceitual e apenas evidencia os formatos praticados pelos veículos de notícias. Entendemos que a classificação proposta cumpre apenas uma divisão metodológica. Acreditamos ainda que no Jornalismo não se pode dividir os produtos na simples separação de opinião e informação, identificar quais produtos são informativos e quais são opinativos. Chaparro (2014) salienta que o paradigma que trata da separação da opinião e a informação não reflete, realmente, a prática jornalística. De acordo com o autor, os produtos noticiosos são construídos com a informação e também com a opinião, cada um é realizado respeitando uma proporção desses gêneros.

Dogmatizado o paradigma, desenvolveram-se, como valores definitivos, conceitos que iludem os leitores, como esse de levá-los a acreditar que a paginação diferenciada dos artigos garante notícias com informação purificada, livre de pontos de vista, produzida pela devoção à objetividade. Como se tal fosse possível, e até desejável. [...] Trata-se de um falso paradigma, uma fraude teórica, porque o Jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões. [...] As propriedades informativas e opinativas das mensagens são como que substâncias na natureza do Jornalismo, no sentido em que se constituem suportes que permanecem na totalidade da ação jornalística, quer se relate ou se comente a atualidade. (CHAPARRO, 2014, p. 5-6).

Para tanto consideramos a Notícia como sendo a unidade informativa principal para a prática e estudos jornalísticos. Reforçamos aqui a ideia de que a prática jornalística se estrutura a partir de uma narração polissêmica (CHAPARRO, 2014), na qual os produtos elaborados transitam em uma mão dupla entre a objetividade e a subjetividade. O próprio exercício diário dos profissionais desse campo responde a essa indagação. Não é possível dissociar o componente subjetivo do trabalho jornalístico em todas as etapas de produção. Há, portanto, um hibridismo no processo de construção das Notícias visto que tanto nos textos opinativos quanto nos informativos, o profissional lida com a sua própria subjetividade no recolhimento de dados, análise, organização e comentário, mesmo quando ele persegue a objetividade que é “exigida” para eles na escrita de uma reportagem ou uma notícia. O que também podemos verificar quando observamos a construção de textos do



gênero opinativo. Não há também uma dissociação da realidade e dos fatos para a elaboração de um comentário.

Fazemos então uma leitura para além da concepção estética dos formatos praticados no Jornalismo e chamamos atenção para as estruturas de narração jornalística como estratégias discursivas que operam na construção de sentidos e, também para a forma como elas são realizadas. Nesse sentido, nos debruçamos sobre a segmentação do Jornalismo praticado nos gêneros opinativos e acreditamos que as narrativas discursivas expressas nesses formatos ultrapassam os limites dos comentários. Para melhor, compreendermos como se dá o processo de produção nesse estilo de escrita vamos trazer algumas características que compõem a categoria sugerida por Marques de Melo (2003), para assim podermos compreender um pouco mais dos elementos construtivos do nosso objeto de estudo: Coluna escrita por Sueli Carneiro.

Ressaltamos que as características apresentadas abaixo compreendem um formato da prática jornalística e não entendemos que as mesmas isolem o gênero opinativo como instrumento linguístico textual descompromissado com os fatos e com a informação como entende Marques de Melo (2003). Reiteramos a ideia de que os formatos do gênero opinativo são construídos seguindo apresentações linguísticas diferentes de uma reportagem, apesar disso, consideramos a Opinião como uma das várias modalidades textuais que compõem a prática jornalística e que se sustentam a partir da informação.

A Opinião no Jornalismo brasileiro caracteriza-se pela predominância de uma estrutura narrativa valorada, o que não exclui a existência de um elo com a realidade e o compromisso com a informação. Igualmente no gênero informativo, acreditamos que a atribuição de valor a um acontecimento seja um dos elementos que também compõe a escrita da categoria informativa, levando-se em consideração a subjetividade dos jornalistas e da linha editorial da empresa. Assim sendo, os dois gêneros apresentam narrativas “valoradas”. No entanto, o que difere o gênero opinativo e informativo é a identidade atribuída à autoria e a angulação dos textos do gênero Opinião.

A produção jornalística opinativa pressupõe a emissão de opiniões “temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 67). Entendemos que essa estrutura redacional apenas ordena o processo de leitura e apreensão de sentidos, uma vez que, para as pessoas que acessam esse segmento já está predisposta uma expectativa quanto ao material, forma e apresentação do conteúdo informativo presente nos textos desse gênero. Isso ocorre em todos os formatos

apresentados no quadro 1: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta.

A partir do exposto, faremos uma breve apresentação das características que marcam a construção da Coluna - estrutura narrativa da qual fazemos análise nesse estudo. Para Marques de Melo, a Coluna “incorpora a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais que a instituição jornalística se dirige” (2003, p. 67). Normalmente, o colunismo é ancorado por jornalistas ou especialistas de algum segmento e afigura-se “como espaço de entrecruzamento de várias formas de expressão noticiosa, [...] publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (RABAÇA e BARBOSA apud MARQUES DE MELO, 2003, p. 139).

Trata-se, portanto, de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. [...] Procura trazer fatos, ideias e julgamentos, [...] exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública. [...] A Coluna corresponde à emergência de um tipo de Jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator (MARQUES DE MELO, 2003, p. 140).

O colunismo entrou para a prática jornalística no século XIX quando os jornais estadunidenses já não mais respondiam aos ideários políticos daquele período e encerrou o modelo de Jornalismo partidário. De acordo com Marques de Melo (2003) a Coluna surgiu nos EUA para satisfazer uma audiência que desejava “matérias que escapassem do anonimato redatorial e tivessem personalidade”. No decorrer da história do Jornalismo, a Coluna se tornou espaço de destaque e restrito a apenas algumas pessoas, jornalistas renomados ou especialistas de destaque da sociedade. Espaço importante para a veiculação de opiniões e utilizado de forma persuasiva. Marques de Melo acrescenta que o colunismo “não se limita a emitir uma simples opinião. [...] Conduz os que formam a opinião pública veiculando versões dos fatos que lhe darão contorno definitivo” (2003, p. 142).

O autor salienta que no Brasil, a Coluna adquiriu um aspecto de frivolidade e utilizado por muitas pessoas para ascender socialmente. No entanto, discordamos do autor quando ele caracteriza as produções desse gênero de forma generalizada. Mas entendemos que a Coluna é um espaço que garante a promoção de assuntos considerados importantes para a sociedade. Como é o caso específico do nosso objeto de estudo.

A Coluna produzida por Sueli Carneiro põe em pauta discussões que em outros espaços dos noticiários não ganhariam o contorno trazido por ela. Como dissemos anteriormente, o Jornalismo de opinião prevê a construção de pontes de quem escreve com

quem acessa esse material. Ao selar esses acordos de produção e leitura, o Jornalismo realiza um movimento de descida para chão da sociedade e proporciona a visualização das especificidades dos sujeitos e das suas realidades. O fortalecimento dessa rede de produções de sentidos e significações permite a aproximação de subjetividades e dos sujeitos. A “opinião” no Jornalismo (não está apartada de informações) propicia a manutenção de um espaço para a emergência de ideias e atores sociais. Acreditamos na força política da Coluna como mecanismo de propagação de temas, sentidos e observações sobre determinados acontecimentos.

### Colonismo Negro: espaço de protagonismo

Adentramos, nesse momento, aos textos produzidos por Sueli Carneiro para o *Correio Braziliense* durante oito anos, entre os anos de 2000 e 2007. Com base nos textos escolhidos (Quadro 1.) discutimos maneira que a autora abordou diversas temáticas. Propomo-nos a avaliar como foram construídas as imagens sobre a mulher negra, compreender as abordagens escolhidas, inferir o modo de escrita e quais os seus desdobramentos para se pensar a própria escrita e o lugar da Mulher Negra na sociedade e no Jornalismo, além de avaliarmos os valores de existência do colonismo.

Quadro 1 – Demonstrativo de assuntos e destaques

| DATA       | TÍTULO  | CONTEÚDO   | PALAVRAS-CHAVE  |
|------------|---|--|---|
| 14/07/2000 | Por um tempo mais feminino                        | Lamenta à falta de engajamentos de novas gerações no movimento feminista; faz um resgate histórico da condição da mulher e os papéis ocupados (segundo plano na vida); ressalta os desafios para a equidade de gênero e raça.  | <b>Feminismo negro</b> ; desafios; angústia; <b>liberdade</b> ; equidade; <b>mulher negra</b> ; <b>democracia</b> .                         |
| 28/07/2000 | Desafios e paradoxos                              | Retrata os desafios da mulher na atualidade e que apesar dos direitos alcançados, ainda, há desigualdades em relação aos homens nos ambientes de trabalho; critica a indústria do consumo que estabeleceu um padrão e instituiu a mercantilização do corpo feminino; ressalta a violência física e moral contra a mulher e a ocupação (espaços destinados às elas) de papéis das mulheres (dupla jornada de trabalho).     | Desigualdades; <b>feminismo</b> ; <b>mulher</b> ; coisificação; valores ( <b>direitos</b> ); <b>liberdade</b> ; mercantilização; violência. |
| 15/09/2000 | O matriarcado da miséria                          | Traz dados de pesquisa da época sobre a ocupação das mulheres negras no mercado de trabalho e evidencia as condições de subemprego e servilismo; ela apela para a criação de mecanismo que combata essa situação.  | <b>Mulher negra</b> ; subemprego; servilismo; rejeição social; <b>liberdade</b> ; igualdade.  |
| 06/10/2000 | Aquelas negas                                     | Aborda, a partir de um episódio na mídia, a adjetivação negativa presente na fala de muitas pessoas no Brasil, na qual a mulher negra passa por um processo reducionista e inferiorizante; a identificação com o negativo, marcado pelo desprezo e pela desvalorização.  | <b>Mulher negra</b> ; racismo velado; fala e linguagem; negativo; desvalorização; inferioridade.  |
| 09/03/2001 | Construindo Cumplicidades                         | O texto, com pano de fundo o mês da mulher no Brasil, traz uma crítica às desigualdades entre brancas e negras, principalmente ao acesso a empregos e postos de trabalho; ela retrata o racismo e o sexismo que agem sobre as mulheres negras na sociedade; aborda a secundarização das mulheres negra dentro do movimento feminista; mas enaltece o movimento embrionário de emancipação delas e fortalecimento do grupo. | <b>Mulher negra</b> ; <b>feminismo</b> ; secundarização; desigualdades; fortalecimento.   |
| 28/03/2003 | Previdência: marcos éticos para a inclusão social | A autora faz crítica ao sistema previdenciário que não leva em consideração as desigualdades na ocupação do mercado de trabalho; nesse caso as mulheres negras não são assistidas de forma igualitária quando têm remuneração menor que os homens e ocupam subempregos ou empregos informais, o que não garante a elas aposentadoria adequada.   | <b>Mulher negra</b> ; emprego informal; subemprego; baixa remuneração; <b>direito</b> ; <b>igualdade</b> .                                  |
| 24/05/2003 | Primeiro emprego                                  | A autora faz nova crítica ao mercado de trabalho que desprivilegia a ocupação de vagas por negros; as mulheres negras ainda continuam a receber salários menores que todos os segmentos; a falta de políticas públicas para o setor dificulta a qualificação e o primeiro emprego para esse grupo; as empresas alegam que os negros não possuem perfil desejado das mesmas.  | <b>Mulheres negras</b> ; emprego; discriminação; baixo rendimento; <b>desigualdades</b> ; <b>políticas públicas inclusivas</b> .            |

Como podemos verificar, há a predileção de assuntos ligados a mecanismos de conscientização e visibilidade de processos racistas e sexistas, como também a afirmação da presença desses mecanismos na sociedade. É notória, na maioria dos textos, a presença de

um discurso a favor da promoção de políticas de combate a discriminação. Sueli Carneiro faz uma abordagem identificando questões de diferenças sociais nos campos da saúde, educação, segurança pública, mercado de trabalho, direito, comunicação e violência.

Chamamos atenção para os procedimentos estratégicos adotados pela autora e observamos que as escolhas temáticas refletem os caminhos de uma vida militante e acadêmica protagonizadas por ela. Como dissemos anteriormente, a presença de Sueli Carneiro em seus textos se faz por uma abordagem reflexiva a partir do universo vivido pela autora. A escrita é realizada a partir de um acordo estabelecido entre a autora e os leitores. Identificamos que essa característica permitiu o compartilhamento de experiências semelhantes, mas também abriu espaço para o conhecimento de um universo que para muitos não existia. Os sucessivos comentários positivados que Sueli Carneiro recebia dos leitores nos possibilita inferir a construção de um elo entre a articulista e o público do *Correio Braziliense*. Isso demonstra a existência de acordos de leitura estabelecidos entre as duas pontas de significação construídas no formato de rede cíclica, o que realça uma das características do gênero jornalístico estudado (opinativo).

A partir dessa relação, verificamos a construção de expectativas e enunciados que são previamente acordados entre as partes envolvidas nesse processo. As regras estabelecidas garantem o reconhecimento e a manutenção de uma posição de fala, os assuntos retratados e o formato como são expostos. Nos textos percebemos a existência de uma fala negra feminista que constrói tais narrativas a partir da exposição das condições das mulheres negras, contudo, sua reflexão não se esgota apenas na demonstração dessas situações. Na verdade, ela as utiliza para tornar visível a conjuntura social e, assim, possibilita a mudança através do fortalecimento delas. Percebemos que Sueli Carneiro reconhece as diferenças sociais, mas em nenhum momento vitimiza ou coloca a mulher negra em uma posição de passividade. Ao mesmo tempo, a autora não negligencia o poder de resistência e enfrentamentos das dificuldades. Por vezes se verifica a construção de imagens de mulheres batalhadoras e aguerridas, mas que precisam atenção da sociedade e, principalmente, do Estado para superar as adversidades que se originam a partir dos mecanismos de discriminação: racismo e sexismo. Verificamos ainda a adoção de uma posição de fala que foge de qualquer tipo de forma de marginalização e fraqueza. Sueli Carneiro rompe as fronteiras para mostrar as desigualdades sociais e, a partir dessa visibilidade, fortalecer as práticas antirracistas e antissexistas. A autora tira as mulheres negras das margens e as projeta para o centro, fortalecidas pelas lutas de muitas gerações.

A autora desconstrói o processo de silenciamento das desigualdades sociais e fortalece a imagem positivada das mulheres negras através da concessão de autonomia das falas e ações desse sujeito e conta com o Jornalismo como instrumento de construção de uma rede de significações e mobilização social. Outro aspecto que nos chama atenção é que todos os textos de Sueli Carneiro são acompanhados de uma nota<sup>7</sup> explicativa sobre quem é a autora. Notamos que com outros autores do mesmo caderno a técnica não é adotada. Carneiro (informação verbal) nos explica que os créditos foram dados de acordo com a vontade da própria autora. “Eles que me pediram como é que eu queria ser qualificada. Eu botei o que eu era. O que me interessava dizer é que eu pertencço ao Instituto da Mulher Negra, minha formação é essa” (CARNEIRO, informação verbal).

A adoção ou não dos créditos nos evidencia uma estratégia afirmativa do Ser. A entrada de Sueli Carneiro no *Correio Braziliense* se dá por meio de um processo de afirmação do Ser em contrapartida ao não-ser. Isso demonstra para nós a construção de uma imagem que é feita a partir da subjetividade da própria autora, isto é, as pessoas existem no mundo e não seria diferente no Jornalismo pelo o que elas são e não pelo o que elas não são. O que queremos demonstrar é que outra vez Sueli Carneiro rompe com as fronteiras da própria história e sai dos lugares que foram destinados à autora (às mulheres negras). Lugar da não-história. Lugar da negação histórica e social.

A construção de uma imagem positivada do Outro se dá por ações coletivas de resistência e na desconstrução desses dispositivos suabaltenizadores “para construir outros cenários e roteiros que representem a emancipação para todos” (CARNEIRO, 2005, p. 24). Ao se afirmar o que é: “uma mulher negra antirracista e feminista”, ela desconstrói as forças que operam contra a concepção desse lugar de subjetividades que foram negadas e silenciadas. Quando Sueli Carneiro assina os textos, de forma propositalmente ou não, a autora possibilita o fim da história do não-ser. Mais que uma autoafirmação, nesse gesto, a autora também permite que seja estruturada a emancipação do Ser (negro, mulher, mulher negro, jornalistas, articulistas...) e garante durante o processo de construção de sentidos a autonomia de decisões e da existência das subjetividades desses sujeitos.

### Considerações

Dentro desse paradigma do Eu-Outro, Sueli Carneiro transita entre as duas faces durante sua permanência no *Correio Braziliense*. O trânsito entre esses dois lugares garante

---

<sup>7</sup> Isso é um mecanismo comumente utilizado pelos veículos de Jornalismo para apresentar quem são os autores que estão por trás dos textos veiculados.

a autora a sua autonomia de fala e adoção de posições-de-sujeito. Sueli ocupa o Eu quando ela é convidada a escrever para o jornal. Quem está ali é uma pesquisadora do CNPq, diretora de uma instituição importante no movimento feminista negro e professora doutora da USP. Mas também, ao escrever seus textos, Sueli Carneiro ocupa a posição do Outro, o da mulher negra, o da ativista feminista e antirracista, da mulher que precisa enfrentar os mecanismos de discriminação. Tanto uma posição quanto outra legitimam a sua permanência no *Correio Braziliense* como colunista, mas também autorizam a produção de reflexões de temas que são compartilhados entre ela e seus leitores. Assim, é que ao ocupar um lugar de destaque e importância, que é o Colunismo no Jornalismo, Sueli Carneiro não deixa de tocar e debater assuntos que a afetam como sujeito mulher negra. Enquanto Sueli Carneiro tomou esse espaço no *Correio Braziliense*, ela garantiu a vivacidade de reflexões e do debate de determinados assuntos que, dificilmente, ganhariam o mesmo contorno em outras editorias, em outros cadernos ou produzidas por outros profissionais. Sueli Carneiro possibilitou a existência de sujeitos no Jornalismo como agentes de suas subjetividades.

A Coluna se tornou um instrumento e um canal relevante de produção e circulação de sentidos ao permitir a polifonia de vozes dentro do Jornalismo. A autonomia inerente ao Colunismo demonstra que, apesar, dos constrangimentos organizacionais e comuns da prática jornalística é possível produzir Jornalismo que chega a todos os públicos e que fala da realidade, retomando a ideia de Genro Filho ao nos mostrar que o campo deve ser instrumento para a informação, reflexão e formação. O Colunismo como um dos grandes gêneros jornalísticos permite não só a autonomia, mas também a liberdade de produção de sentidos e significados. A permanência desse espaço nos jornais garante a existência de vários modos de se pensar e fazer Jornalismo.

Encerramos este trabalho, convictos de que a prática Jornalística passa, constantemente, por inovações e renovações e que em uma época de crise de legitimidade, o trabalho desenvolvido por Sueli Carneiro resgata a funcionalidade e a importância do Jornalismo para a Sociedade. Ao longo desse texto percebemos que a atuação do Jornalismo abre espaço para a discussão e compreensão das especificidades do cotidiano e das experiências das pessoas. Compreendemos que Carneiro, atuando dentro dessa dinâmica profissional, conduziu a produção jornalística para a visualização das pessoas como seres humanos e não apenas como objetos das matérias. A mulher negra sai das páginas que a coisificam e subalternizam para ganhar destaque como sujeitos ativos e fortes. Sueli Carneiro nos leva a pensar, qual o tipo de Jornalismo estamos fazendo e que

tipo de Jornalismo é interessante ser regado pelo nosso trabalho. A garantia da existência do (bom) Jornalismo ultrapassa as técnicas apreendidas e se faz a partir da aproximação com a sociedade e com realidade. Percebemos, assim, que a manutenção desses espaços discursivos garante a vivacidade do campo e, conseqüentemente, a autonomia e emancipação de todos os profissionais envolvidos tanto com a prática jornalística (editores, colunistas, articulistas, comentaristas, produtores de conteúdo, leitores e os jornalistas) como os sujeitos apresentados nos produtos jornalísticos.

### Referências

BORGES, Rosana. M. R. **Pensamentos dispersos, hegemônias concentradoras**: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no cerrado. 2013. 421f. Tese de doutorado. Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo não se divide em Opinião e Informação**. Disponível em:< [http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012\\_7\\_31\\_14\\_34\\_6\\_09719.pdf](http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09719.pdf)>. Acesso em: 09 de out. 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, 2005. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 11 de out. 2014).

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do Jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no Jornalismo. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Ângela Teixeira. **Jornalismo e Educação**: desencontros discursivos. Goiânia: PUC Goiás Editora, 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do Jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-Jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 24 de set. 2014.

TEMER, Ana Carolina R. Por uma teoria dos gêneros no Jornalismo. In.: **Gêneros e formatos em Jornalismo**. Org. MAIA, Juarez Ferraz. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2012